

# CAIXAS NEGRAS: DOIS SEMINÁRIOS E INCONTÁVEIS ENCONTROS

**Maria de Fátima Lambert**

*INED-ESE/P.PORTO*

**Hugo Monteiro**

*GFMC-FLUP/ INED-ESE*

À margem de um acontecimento fica o que o originou e impulsionou, assim como os encontros, debates, cumplicidades ou cismas que a partir dele se geraram. Na antecâmara de uma iniciativa em que articulamos formas de acontecer artísticas, comunicações, performances ou instalações permanecem as conversas e acordos que conceberam e imaginaram estes momentos. Essa margem é digna de uma espécie de caixa negra: um arquivo oculto de diálogos seminiais, laterais ou reativos que só por acidente vêm a lume. Neste caso não por acidente, mas no apurar da atenção ao interesse do imponderável, talvez seja justo recuperar esta caixa negra. Quando falamos de “apelos de silêncio” ou de “procuras de superfície” entendemos que a escuta desta caixa negra surge com renovado propósito.

## **CAIXA NEGRA I: O CORPO E SEUS ARGUMENTOS**

As duas edições do Seminário inter/trans disciplinar “A Procura da Superfície” tiveram o corpo como vetor de interseção. Refletiram e refletem o que uma escuta da referida caixa negra revelaria de forma mais nítida: a hesitação, oferecida como proposta prévia de trabalho, entre o corpo como silêncio da tradição e o corpo como reabilitação (talvez exagerada, mas certamente abundante) do novo século. Colocada de outra forma, esta abundância sublinha, no mínimo, o indício de um reconhecimento: o de que o corpo, com salvas e não dominantes exceções, constituiu-se como um dos silêncios (senão um dos exorcismos) de séculos de pensamento e de doutrina

Condenado ao lugar subalterno da superfície, à marginalidade do erro e do desvio, o corpo como instância e território da superficialidade contrapunha-se, tradicionalmente, à interioridade de uma alma incorruptível, ou de uma verdade descarnalizada. Os últimos anos do século foram, talvez, o contraponto possível a este tradicional menosprezo, com as questões do corpo a assumirem uma dimensão vasta e transversal. Da Estética, à Filosofia da Arte, passando pela Antropologia, pela Sociologia ou pelos “Cultural Studies”; do Teatro, à Dança, à Performance ao Cinema e à Teoria do Cinema, com dimensões de Género, com empenhamento político, com cabimento emancipatório, etc – o corpo passou a ser uma das superfícies mais comumente procuradas, condenado que esteve à rejeitada superfície da História restante.

Foi este o ponto de partida, ora silencioso ora expresso, da nossa procura da superfície. Ao ponto prévio do argumento – diz e regista a nossa caixa negra – cedo se acrescentaram novas dimensões, em que o local e a circunstância pesaram e infletiram outros rumos e renovadas derivas.

## CAIXA NEGRA II: LOCAL E DISSEMINAÇÕES

A “procura da superfície” é o convite a que a superfície do corpo, dos corpos, do *corpus* seja criticamente retomada no presente de um século XXI, pondo em questão o modo como um certo frenesim estético-artístico-literário contribuiu para o esgotamento ou para a reabilitação de uma procura que modifica as formas da sua urgência e os modos da sua expressão.

Procurar uma superfície pode ser também procurar o ponto em que corpos físicos e/ou disciplinares se tocam, se interpenetram, se (im) permeabilizam numa redefinição que expõe a sua vulnerabilidade latente. Esta vulnerabilidade reclama das Artes e do seu pensamento um exercício de tatear permanente, na possibilidade de uma procura em que os modos e os prolongamentos do acontecer artístico se expõem como superfície, na superfície do tempo e no limiar de um século.

Mas não deixa de haver um potencial irónico no sentido de uma *procura de superfície*; uma certa alusão estratégica, de reapropriação e redirecionamento do que se lê numa instituição, no seu peso, nas suas práticas e na sua imagem pública. O local: uma Escola Superior de Educação. Uma instituição frequentemente acusada, em discursos públicos, de leveza e de superficialidade, alternativa menor e subalterna no contexto do que o *status quo* define como “mercado” do Ensino Superior. Neste sentido, a “procura da superfície” interpela um corpo docente, um corpo discente num corpus institucional.

Ora ao reafirmar-se – com ironia e alguma estratégia – a superfície como pretensa propriedade de uma instituição eleva-se simultaneamente essa superfície ao plano do perguntável. Num local a que se atribui, passe mas pese a contradição, a *especialidade da superfície*, implicamo-nos militantemente na sua procura, elevando-a a matéria de densidade investigativa. E desde o local testamos a sua mobilidade e locomoção, o seu poder de transbordo, a sua ressonância noutros locais que não os que se canonizam no interior da formalidade académica: a rua, o pátio, o museu, a imagem e a escrita – a caixa negra.

### **CAIXA NEGRA III: CIRCUNSTÂNCIAS E CIRCUNSTÂNCIA**

O processo de edição desta obra, julgando-se ingenuamente a distância segura dos eventos que a sustentaram, encontrou uma circunstância derivativa particular, inquietante mas de menção inevitável. Assumido o título e desafio suspensivo – A Procura da Superfície –, e devidamente conscientes das múltiplas possibilidades da sua leitura, eis que somos surpreendidos pelo Covid19, em todo o seu impacto social, relacional e institucional. O efeito pandémico, ao mesmo tempo que colocou no léxico comum os desígnios preventivos de uma “distância social” quotidiana e vigiada, centrou no corpo em relação, no corpo em sociedade e no quotidiano tátil da “superfície” uma suspeita crescente, permanente e mundializada. Adquire-se uma nova consciência do corpo e uma percepção particular da superfície, numa ideia coletiva de vulnerabilidade que reconfigura

posturas e redefine relações. Esta “procura da superfície” surge agora como uma desaconselhada temeridade, ante os cuidados sanitários associados à pandemia, mas também como uma urgência quase quimérica ante o cansaço solitário do confinamento.

Este novo dado projeta um quase post-scriptum às formas de leitura do que adiante se regista. A leitura que encontrará cada um destes textos, quase todos escritos ou pensados antes da pandemia mundial, contará com esta outra e imprevisível caixa negra, que sublinha a abertura de um mote, de um tema, de uma procura.

Nada de novo, na verdade. A procura da superfície é, afinal, a certeza da vulnerabilidade de um corpo, nas múltiplas dimensões do seu mais expressivo silêncio.